

A TERCEIRA MARGEM*

Érica Quináglia Silva

Mestranda na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Resumo

Morte e vida constituem a existência. A positividade é amiúde reservada a esta, enquanto aquela é tida como representação do mal. Entre diversos grupos e domínios sociais da cultura ocidental, a concepção da morte é fundada pela negatividade. Não obstante, a morte permeia a vida simbólica, social e historicamente. E aponta para o fim como princípio. Ser não ser, eis a questão que este artigo, ancorado nos filmes **Flores** e **E a tristeza nem pode pensar em chegar...**, (des)vela. Trata-se, destarte, de uma terceira margem, em que a morte não é encarada somente como decesso, mas como possibilidade da vida.

Palavras-chave

Morte. Vida. Fim.

Abstract

Death and life constitute the existence. The positive aspects are frequently reserved to the last one, while the first one is understood as a representation of the evil. Among several groups and social domains of the occidental culture, the concept of death is established by the negative aspects. Nevertheless, death crosses life symbolically, socially and historically. And points out to the end as the beginning. To be not to be, that is the question that this article, anchored by the films **Flowers** and **And the sadness cannot even think of arriving...**, (un)veils. Therefore, it deals with one third edge, where death is not faced only as decease, but as possibility of life.

Keywords

Death. Life. End. Beginning.

A morte é amiúde considerada uma representação do mal. Em **A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade**, Giorgio Agamben discorre a respeito da relação essencial estabelecida entre a morte e a linguagem na tradição filosófica ocidental. A faculdade da morte e a faculdade da linguagem seriam permeadas e mesmo fundadas pela negatividade. Falante e mortal, o homem é, nas palavras de Hegel, o ser negativo que “é o que não é, e não é o que é” (AGAMBEN, 2006: 11); nas palavras de Heidegger, o “lugar-tenente (Platzhalter) do nada” (AGAMBEN, 2006: 11).¹

Impura e mesmo perigosa, a morte é deveras um tabu. No ocidente, em geral, e no brasil, em particular², morte e mortos conheceram simbólica, social e historicamente dos olhares o embotamento e do som o silêncio.

Não obstante, a morte – o outro absoluto do ser³ – constitui a vida. Ambas, vida e morte, estão em (im)permanente (des)encontro. Essa harmonia conflitual evidencia o aspecto duplo da existência humana. “L’entièreté de l’être s’inscrit dans un tel dynamisme” (MAFFESOLI, 2002: 181). Bem e mal, ordem e desordem, vida e morte, imbricados e ambivalentes, constituem o sujeito social. Deus sempre precisou de seu parceiro: o Diabo.⁴ A ordem esteve constantemente aliada à desordem. A vida só pode ser compreendida pela morte. Ser não ser é a questão que rejeita o dualismo mutuamente exclusivo da vida e da morte. Ser *ou* não ser não é a questão! Tampouco o é a síntese ser *e* não ser. Eis a profanação da dialética hegeliana e, por extensão, marxista. Tese e anti-tese não necessitam resultar/conciliar-se em síntese. A fusão supõe completude e unidimensionalidade e ignora descontinuidade e oposição. A contradição ela mesma e por si só é fundadora.

* Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil. Compõe a perquirição a respeito das representações e práticas da morte entre os enlutados e os trabalhadores do Cemitério do Itacorubi, na cidade de Florianópolis, no estado de Santa Catarina, da Dissertação de Mestrado **O presente de Prometeu. Contribuição a uma antropologia da morte (e da vida)**, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.

¹ Os filósofos Hegel e Heidegger são referências basilares para Agamben na obra supracitada: **A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade**. Belo Horizonte: Editora UFMG.

² “ocidente” assim como “brasil” são operadores textuais, como diria Jacques Derrida. Aparecem com “o” e “b” minúsculos porque não se tratam de categorias fechadas, lineares e fixas, mas sim de noções que abarcam representações e práticas heterogêneas, algumas das quais são apresentadas neste trabalho.

³ Conferir BAUMAN, Zygmunt. 1992. **Mortality, Immortality and Other Life Strategies**. Cambridge, Oxford: Polity Press, Blackwell Publishers. De acordo com Jankélévitch, citado por José Carlos Rodrigues, em **Tabu da Morte**, “morrer não é tornar-se outro, mas vir a ser nada ou, o que quer dizer o mesmo, transformar-se em absolutamente outro, porque, se o relativamente outro é ainda uma maneira de ser, o absolutamente outro que é o contraditório do mesmo, se comporta em relação a este como o não-ser em relação ao ser” (RODRIGUES, 1983: 17, 18). Consultar RODRIGUES, José Carlos. 1983. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé.

⁴ Conferir MAFFESOLI, Michel. 2002. **La Part du Diable: précis de subversion postmoderne**. Flammarion.

Doravante, as outrora obscuras palavras de Dōgen tornam-se claras.⁵ “É um erro pensar que passamos da vida à morte. (...) A vida ela mesma é não-vida. (...) A extinção ela mesma é não-extinção. Quando há vida, não há nada a não ser a vida. Quando há morte, não há nada a não ser a morte” (QUINÁGLIA SILVA, 2006: 39).

A parte do Diabo reserva ao espaço da morte o fim da vida. O fim como final. O fim como finalidade. **Além do bem e do mal**, é o conflito a condição da existência social, psíquica e física. Ser transbordado pelo não ser é (im)possibilidade (in)finda.

A morte institui a vida – individual e social. De acordo com Rodrigues, em **Tabu da Morte**, na nossa sociedade a morte tem *mana* e atribui *mana*. “(...) Ela tem *mana*, ou seja, uma capacidade geral de produzir efeitos ao nível da sociedade e de seus sistemas simbólicos” (RODRIGUES, 1983: 99).

Assim, para evitá-la, tem-se investido em segurança, previdência, medicina, alimentação. “E isto se aplica a *tudo*⁶ em uma sociedade em que a vida humana foi transformada em mercadoria: aos tratamentos médicos, às relações com a ecologia, à previdência social, à limitação dos armamentos, à pesquisa científica...” (RODRIGUES, 1983: 285). A morte, ainda que “natural”, não é somente um problema biológico como também sociológico. “A morte não se insinua apenas sob a forma do acidente possível; ela forma, com a vida, com os seus movimentos e o seu tempo, a trama única que a um só tempo a constitui e a destrói.” (FOUCAULT apud NORTE, 1994)⁷

Tal análise, referente a uma sociedade complexa moderno-contemporânea, estende-se a outros contextos. A perquirição de Marcel Mauss a respeito da expressão (obrigatória!) dos sentimentos em rituais orais funerários e do efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugeridos pela coletividade demonstra que a morte – de outrem e de si –, tal como sugere a sociedade, constitui – constrói e reconstrói –, podendo mesmo aniquilar – destruir –, o indivíduo. A morte social atinge psíquica e fisicamente a mente e o corpo individuais.

Entre australianos, neozelandeses e polinésios, a morte é encarada como alteridade que (des)constrói o indivíduo e a sociedade. Movimenta, pois, as relações sociais.

Em “Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”, Mauss entende por fato social total os fenômenos que “põem em movimento, em certos casos, a

⁵ Ler “De uma conversa com um japonês sobre a morte-vida”. Em: QUINÁGLIA SILVA, Érica. 2006. **Infinda vida. Fragmentos de uma existência**. Dissertação de Graduação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, UnB.

⁶ Grifo meu.

⁷ Conferir NORTE, Selmo José Queiroz. 1994. **A Vida Que A Morte Cria: Uma Interpretação Antropológica Da Percepção Japonesa Do Fenômeno Morte**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, UnB. Consultar, ainda, o livro já citado de RODRIGUES, José Carlos. 1983. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé.

totalidade da sociedade e de suas instituições” (MAUSS, 1974), cujo estudo permite “perceber o essencial, o movimento do todo, o aspecto vivo, o instante fugidio em que a sociedade e os homens tomam consciência sentimental deles mesmos e de sua situação face a outrem” (MAUSS, 1974).⁸ Não tratar-se-ia a morte, destarte, tanto nas sociedades ditas arcaicas quanto nas sociedades moderno-contemporâneas, ainda que maquiada nestas, de um fato social total? Essa ausência é presente nas instituições religiosas, jurídicas, morais e econômicas. A morte organiza a vida social.

Como sustenta Claude Lévi-Strauss, em **Paroles Données**,

tout se passe, en vérité, comme si culture et société surgissaient chez les êtres vivants comme deux réponses complémentaires au problème de la mort: la société, pour empêcher l’animal de savoir qu’il est mortel, la culture comme une réaction de l’homme à la conscience qu’il l’est (LÉVI-STRAUSS, 1984).

De acordo com Zygmunt Bauman, em **Mortality, Immortality and Other Life Strategies**,

it is because we know that we must *die* that we are so busy *making* life. It is because we are aware of mortality that we preserve the past and create the future. Mortality is ours without asking – but *immortality* is something we must build ourselves. Immortality is not a mere absence of death; it is *defiance* and denial of death. (...) There would be no immortality without mortality. Without mortality, no history, no culture – no humanity (BAUMAN, 1992).

Edgar Morin, por sua vez e finalmente, assevera, em **O Homem e a Morte**, que a sociedade e a cultura existem não apenas apesar da morte e contra a morte, como também pela morte, com a morte e na morte.⁹

A duplicidade criadora reconhece, por conseguinte, a multiplicidade dessa implicação. Em Florianópolis, no estado de Santa Catarina, a despeito e a partir da morte, enlutados e trabalhadores do Cemitério do Itacorubi vivem. Os filmes **Flores** e **E a tristeza nem pode pensar em chegar...** vislumbram, por meio de múltiplas, por vezes dissonantes, vozes, a morte não somente como o fenecimento, mas como a possibilidade mais própria e insuperável da existência humana.¹⁰

Interditos, cemitério, lixão e penitenciária – ao lado dos quais aquele foi construído – foram expurgados da sociedade. Também aos eternos companheiros da morte¹¹ – enlutados, coveiros, trabalhadores de funerárias, lavadores de túmulos e jardineiros – foi imposta a

⁸ Conferir MAUSS, Marcel. 1981. “A Expressão Obrigatória dos Sentimentos (Rituais Oraís Funerários Australianos)”. Em: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva; MAUSS, Marcel. 1974. “Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade”. Em: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU; e MAUSS, Marcel. 1974. “Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. Em: **Sociologia e Antropologia**. (vol. II) São Paulo: EPU/EDUSP.

⁹ Consultar LÉVI-STRAUSS, Claude. 1984. **Paroles Données**. Paris: Plon; BAUMAN, Zygmunt. 1992. **Mortality, Immortality and Other Life Strategies**. Cambridge, Oxford: Polity Press, Blackwell Publishers; e MORIN, Edgar. 1970. **O Homem e a Morte**. Publicações Europa-América.

¹⁰ Assistir aos filmes QUINÁGLIA SILVA, Érica e HENNING, Carlos Eduardo. 2006. **Flores**. Filme Etnográfico. Brasil, 30 min. e QUINÁGLIA SILVA, Érica. 2007. **E a tristeza nem pode pensar em chegar...** Filme Etnográfico. Brasil, 60 min..

¹¹ Tal expressão foi retirada da poesia “O Coveiro”. Em: ANJOS, Augusto dos. 1998. **Eu: poesias**. Porto Alegre: Mercado Aberto.

economia dos sentimentos e das emoções. Do isolamento à sociabilidade, a câmera permitiu, contudo, desnudar representações e práticas – percepções, sensibilidades, significações e expressões – da morte e da vida.

Astúcias, táticas e estratégias são cotidianamente (re)inventadas pelos eternos companheiros da morte.¹² A morte habita a imarginação¹³ que circunda o presente sempre repetido dessas pessoas. “C’est toute la vie quotidienne qui peut être considérée comme une oeuvre d’art.” (MAFFESOLI, 1990: 26)

La création, sous ses diverses formes, jaillira d’une dynamique toujours renouvelée, et toujours plurielle. Les diverses situations sociales, les modes de vie, les expériences pourront être considérés comme autant d’expressions d’un vitalisme puissant. (...) C’est cela qui peut servir de toile de fond à l’esthétique et à sa fonction d’éthique (MAFFESOLI, 1990: 27).

A expressão nietzscheana, “a vontade de poder enquanto arte” assume, assim, toda sua significação.¹⁴ Tais **artes de fazer** permeiam o **conhecimento comum** e revelam as relações construídas entre ser(es) e não ser.

O luto e a memória, vivenciados pelos enlutados em **Flores**; a tanatopraxia, a limpeza de túmulos, a jardinagem, a inscrição de epitáfios, o sepultamento e a exumação, realizados pelos trabalhadores do cemitério também em **Flores** e em **E a tristeza nem pode pensar em chegar...** são ilustrações limites que evidenciam respostas diversas socialmente dadas ao problema da morte.

O filme **Flores** é construído entre choros, cânticos e pregões. Agrega descontinuamente várias perspectivas. A festa de celebração do Dia de Finados trata-se desse momento de efervescência que condensa e explicita o vaivém constante entre o bem e o mal, a ordem e a desordem, a vida e a morte.

O filme **E a tristeza nem pode pensar em chegar...**, por sua vez, demonstra tais coexistências por meio de narrativas circulares, que promovem a ruptura do tempo linear. Entre enterros e exumações, são retratadas profissões dramáticas, que, contudo, se reverterem em brincadeiras, piadas, histórias, trocas estabelecidas com os familiares dos finados, poesia, música, fotografias. O cemitério é, ainda e conseqüentemente, considerado como local que resguarda a liberdade, preferível a bancos ou empresas.

¹² “(...) Dar provas de astúcia (...). A audácia, a aventura, que, estruturalmente, integram a possibilidade da morte, são a um só tempo fatores de uma perduração vital (...)” (MAFFESOLI, 1985: 97, 98). Conferir MAFFESOLI, Michel. 1985. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Edições Graal; MAFFESOLI, Michel. 1999. **La Conquête du Présent: sociologie de la vie quotidienne**. Paris: Desclée de Brouwer; MAFFESOLI, Michel. 1988. **O Conhecimento Comum: compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo: Editora Brasiliense; e CERTEAU, Michel de. 2004. **A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes.

¹³ Neologismo que evoca a imaginação e o imaginário, criados a despeito e a partir da margem; Margem, imaginário e imaginação são, ainda, abarcados pela(s) imagem(ns).

¹⁴ Conferir o livro de MAFFESOLI, Michel. 1990. **Au creux des apparences. Pour une éthique de l’esthétique**. Paris, França: Plon.

As narrativas desses eternos companheiros da morte demonstram, ora pela tristeza ora pela alegria, a tragicomédia que entremeia a vida (e a morte) humana.

O lúdico existe tão-somente a partir do trágico. “O lúdico (...) é constantemente habitado pela idéia de morte” (MAFFESOLI, 1985: 90).

O trágico (...) [, por sua vez,] é a ‘forma’ que permite viver, no presente, as tensões invariantes, arquetípicas e próprias a todo conjunto humano. A organicidade e a harmonia contraditorial acham-se na base da expressão ritual do trágico: uma expressão conjunta da crueldade e da ternura. (...) O trágico é (...) encenação de figuras, ou melhor, uma arquitetura de figuras que vão além dos indivíduos que as representam (MAFFESOLI, 1985: 86).¹⁵

De acordo com Françoise Dastur, em **A morte: ensaio sobre a finitude**,

deixar ao nada que é a morte o governo da vida não implica, todavia, nem heroísmo niilista nem lamentação nostálgica, mas, na realidade, a conjugação, na tragicomédia de uma vida que não recua diante da morte, mas, ao contrário, aceita incluir em sua conta o luto e a alegria, o riso e as lágrimas (DASTUR, 2002: 8).¹⁶

Tal é a ambivalência da morte que dá à luz. Assim como a cosmovisão bakhtiniana do carnaval¹⁷ como inferno, a morte, como imagem da extinção da vida, é transformada em espetáculo, no qual o medo convive com a alegria. O lamento ancora-se no riso. A imagem grotesca¹⁸ da morte ampara-se na superação de tudo o que é acabado. Entrevê, pois, fissuras, fendas, ranhuras. Falta e excesso entrelaçam-se em relação intrincada. O contínuo devir subsidia o inacabamento da existência.

As flores, que servem como metáfora do aniquilamento silenciado¹⁹, e a tristeza, que deve necessariamente ser adiada, reiteram a representação da morte como mal naquele espaço. Apontam, contudo, para outros sentidos. Entendida como passagem ou viagem, personificada como alguém que oferece proteção ou comparada a plantas que deixam sementes, a morte é amiúde benquista. É, ainda, considerada produtiva.²⁰ Os mortos, por sua

¹⁵ Conferir o livro já citado de MAFFESOLI, Michel. 1985. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Edições Graal.

¹⁶ Consultar DASTUR, Françoise. 2002. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL (Enfoques; Filosofia).

¹⁷ A origem alemã da palavra “carnaval” é “Karne” ou “Karth”, “lugar santo”, e “val” ou “wal”, “morto”, “assassinado”. Conferir DISCINI, Norma. 2006. “Carnavalização”. Em: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.

¹⁸ O termo “grotesco”, ainda segundo Bakhtin, tem na origem a acepção de metamorfose “em movimento interno da própria existência” (BAKHTIN apud DISCINI, 2006: 58). Exprime também a “transmutação de certas formas em outras, no eterno inacabamento da existência” (BAKHTIN apud DISCINI, 2006: 58).

¹⁹ No filme **Flores**, a maioria dos enlutados utiliza flores de plástico nos túmulos de seus mortos porque duram mais, não morrem. As flores naturais murcham. São poucos os que optam por elas. Aqueles que o fazem asseveram que são as flores naturais que têm vida deveras. Ignorar a morte, por um lado, tanto quanto afirmar a vida, por outro, revelam o desejo de perenidade. Essa escolha pelas flores artificiais é simbólica, social e historicamente construída. O tempo petrifica-se nas flores que, porque são de plástico, permanecem sempre idênticas. Ademais, são imitações cada vez mais perfeitas das flores naturais e vivas e, finalmente, permitem aos vivos que se preocupem menos com a ida ao cemitério e, portanto, com a existência dos mortos. Toda descontinuidade é, assim, abolida.

²⁰ Sobre o tabu da morte, a que se associam a impureza e o perigo, consultar DOUGLAS, Mary. 1976. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva. Ainda sobre o tabu da morte, próximo do tabu que recai sobre a sexualidade, ler GORER, Geoffrey. 1965. *The Pornography of Death*. Em: **Death, Grief, and Mourning in Contemporary Britain**. London: Cresset Press, citado por Zygmunt Bauman, em **Mortality, Immortality and Other Life Strategies**. Cambridge, Oxford: Polity Press, Blackwell Publishers. A fronteira entre a morte e a sexualidade é tênue. Segundo Rodrigues, em **Tabu da Morte**, os dois mitos fundamentais de superação da morte, o do

vez, também são comparados a cravos, quando se tratam de homens, a rosas, quando são mulheres, e a espinhos, quando são tidos como malfeitores. De limite, passam a transcendência, ao serem percebidos como energia. A morte é, pois, reelaborada como confim apesar e *a partir* da qual a poética²¹ desses observadores privilegiados do limite transborda.

Esses dois filmes abarcam, destarte, ressignificações da vida e da morte, cujo tabu começa a ser dissolvido. O espaço da morte é (re)apropriado, o tempo, (re)construído e a existência, (re)inventada. A vida é (re)criada por essa alteridade – a morte. O Cemitério do Itacorubi, como entreto que separa ao mesmo tempo em que resguarda a vida da morte, evidencia o espaço e o tempo liminares.

Na aventura (...) apostamos tudo justamente na chance flutuante, no destino e no que é impreciso, derrubamos a ponte atrás de nós, adentramos o nevoeiro, como se o caminho devesse nos conduzir sob quaisquer circunstâncias (SIMMEL, 1998).²²

Também como aventura, a antropologia visual – teórica e prática – se faz, refaz e mesmo desfaz a partir do e com o outro. Ela possibilita, nos filmes, que os sentimentos e as emoções, amiúde negligenciados e mesmo ignorados socialmente, sejam compartilhados. Trata-se, como já sustentado, de forma de ressignificação de representações e práticas, consideradas inadequadas pela sociedade circundante, que, contudo, adquirem sentidos a partir da filmagem, da montagem, da edição e da posterior exibição dos filmes. De um lado, há a busca de novos significados pelas pessoas que a câmera capta. De outro, há a criação de significados por quem capta, monta e edita as imagens. Finalmente e ainda, sentidos vários são dados pelos olhares dos espectadores do filme. A abertura propiciada pela pesquisa de campo em interlocução com a teoria antropológica não fornece respostas, mas sim cria novas perguntas.²³

renascimento e o do duplo, “são transmutações, projeções fantasmáticas e noológicas das estruturas da reprodução, isto é, dos dois modos pelos quais a vida sobrevive e renasce: a duplicação e a fecundação” (RODRIGUES, 1983: 81). Na África, por exemplo, os estudos de Louis-Vincent Thomas e P. Erni demonstraram que há um paralelismo constante entre os ritos de nascimento, os ritos de morte e os ritos de iniciação. Rodrigues observa, ainda, que a festa antiga dos hindus em que se celebravam os mortos coincidia com a festa da colheita; as mulheres *Algonkin* que desejavam tornar-se mães deviam acorrer à cabeceira de um moribundo para que a alma dele se alojasse nelas; e, finalmente, os tibetanos vêm na criança que nasce no momento da morte do grande Lama a reencarnação deste. Amiúde acredita-se que o último nascido é a reencarnação do último morto e se lhe atribui o nome deste. Os exemplos são inúmeros. O próprio termo “inumação” remete a “colocar em húmus”, ou seja, “fertilizar”. “Humus fécondant, dont les rites funéraires, les nécropoles et les divers lieux de mémoire portent, à loisir, témoignage. La mort des ascendants est cela même qui introduit à la plénitude de la vie” (MAFFESOLI, 2002: 169). Para uma exposição mais detalhada sobre isso, ler os livros de RODRIGUES, José Carlos. 1983. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé; THOMAS, Louis-Vincent. 1985. **Rites de Mort**. Paris: Fayard; e MAFFESOLI, Michel. 2002. **La Part du Diable: précis de subversion postmoderne**. Flammarion.

²¹ Do grego *poiein*: “criar, inventar, gerar”. “A arte da conjugação é uma sequência de variações sobre um tema conhecido – e é isto que constitui o que podemos chamar de poética cotidiana. Fazer da (sua) vida uma obra de arte não é mais apanágio da vanguarda ou mesmo de uma boêmia seleta; é, diariamente, uma prática popular que, através de variadas modulações (comer, caminhar, vestir-se, discutir...), constitui a sólida trama da socialidade” (MAFFESOLI, 1985: 102, 103).

²² Conferir SIMMEL, Georg. 1998. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

²³ Consultar FONSECA, Claudia. 1998. “Quando cada caso não é um caso”. **Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPED**. Caxambu.

A realidade inclui o mal, a desordem, a morte. A despeito da concepção comum que dissocia a vida da morte e resguarda àquela a positividade, **Flores e E a tristeza nem pode pensar em chegar...** revelam que a existência insurge de ambas, imbricadas. Mesmo este elemento que, isolado, é perturbador ocupa o lugar que lhe é reservado. Presença da ausência. Ele permeia aquela simbólica, social e historicamente. A morte participa da imarginação que circunda a vida cotidiana dos enlutados e dos trabalhadores do Cemitério do Itacorubi. Em um presente sempre repetido, o jogo eterno da vida e da morte é, assim, (re)visitado.

É possível, destarte, sair da unidimensionalidade cega para a descontinuidade, em que a existência – individual e social – é compreendida pela duplicidade e conseguinte multiplicidade da harmonia conflitual entre a vida e a morte.

As reflexões a respeito dos filmes **Flores e E a tristeza nem pode pensar em chegar...** permitem margear esses diversos sentidos. Dar voz aos enlutados e aos trabalhadores do Cemitério do Itacorubi significa arrostar a impossibilidade do nada como possibilidade infinda.

Itacorubi, em Tupi-Guarani, significa “rio das pedras esparsas”. Nessa água que não pára, de longas beiras, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro, o rio (des)vela a terceira margem, em que a morte não é encarada somente como decesso, mas como possibilidade da vida.

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. 2006. **A linguagem e a morte: um seminário sobre o lugar da negatividade**. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- ANJOS, Augusto dos. 1998. **Eu: poesias**. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- BAUMAN, Zygmunt. 1992. **Mortality, Immortality and Other Life Strategies**. Cambridge, Oxford: Polity Press, Blackwell Publishers.
- CERTEAU, Michel de. 2004. **A Invenção do Cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- DASTUR, Françoise. 2002. **A morte: ensaio sobre a finitude**. Rio de Janeiro: DIFEL (Enfoques; Filosofia).
- DISCINI, Norma. 2006. “Carnavalização”. Em: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto.
- DOUGLAS, Mary. 1976. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva.
- FONSECA, Claudia. 1998. “Quando cada caso não é um caso”. **Trabalho apresentado na XXI Reunião Anual da ANPEd**. Caxambu.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. 1984. **Paroles Données**. Paris: Plon.
- MAFFESOLI, Michel. 1985. **A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia**. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- MAFFESOLI, Michel. 1990. **Au creux des apparences. Pour une éthique de l'esthétique**. Paris, França: Plon.
- MAFFESOLI, Michel. 1999. **La Conquête du Présent: sociologie de la vie quotidienne**. Paris: Desclée de Brouwer.
- MAFFESOLI, Michel. 2002. **La Part du Diable: précis de subversion postmoderne**. Flammarion.
- MAFFESOLI, Michel. 1988. **O Conhecimento Comum: compêndio de sociologia compreensiva**. São Paulo: Editora Brasiliense.
- MAUSS, Marcel. 1981. "A Expressão Obrigatória dos Sentimentos (Rituais Oraís Funerários Australianos)". Em: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva.
- MAUSS, Marcel. 1974. "Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletividade". Em: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU.
- MAUSS, Marcel. 1974. "Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". Em: **Sociologia e Antropologia**. (vol. II) São Paulo: EPU/EDUSP.
- MORIN, Edgar. 1970. **O Homem e a Morte**. Publicações Europa-América.
- NORTE, Selmo José Queiroz. 1994. **A Vida Que A Morte Cria: Uma Interpretação Antropológica Da Percepção Japonesa Do Fenômeno Morte**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Departamento de Antropologia, UnB.
- QUINÁGLIA SILVA, Érica. 2006. **Infinda vida. Fragmentos de uma existência**. Dissertação de Graduação apresentada ao Instituto de Ciências Sociais do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, UnB.
- QUINÁGLIA SILVA, Érica. 2008. **O presente de Prometeu. Contribuição a uma antropologia da morte (e da vida)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.
- RODRIGUES, José Carlos. 1983. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé.
- SIMMEL, Georg. 1998. **Simmel e a modernidade**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- THOMAS. Louis-Vincent. 1985. **Rites de Mort**. Paris: Fayard.

Referências Filmográficas

QUINÁGLIA SILVA, Érica. 2007. **E a tristeza nem pode pensar em chegar....** Filme Etnográfico. Brasil, 60 min..

QUINÁGLIA SILVA, Érica e HENNING, Carlos Eduardo. 2006. **Flores**. Filme Etnográfico. Brasil, 30 min..